NOVEMBRO DE 2025| EDIÇÃO N.º 2

À SOMBRA DE S. JOSÉ



DESTAQUES

Entrevista a dois dos nossos Benfeitores: Herdade do Peixoto e Bricomarché - P. 14 à P. 20



EDITORIAL

João Carlos Branco de Melo
Direção do Colégio São José

Desde muito jovem que me habituaram a ser GRATO e a sentir-me profundamente reconhecido diante do mais pequeno, simples ou singelo gesto do que se recebe de outrem. Aparentemente, este parágrafo levará o leitor a interrogar-se sobre a razão de ser a GRATIDÃO a abrir este editorial, mas ela, sem desprimor de todos os outros temas que irão surgir nestas páginas, impõem-se, na medida em que o centro deste segundo número do nosso jornal se relaciona com os nossos benfeitores e a 3.ª edição do Sponsors' Day que vimos fazendo como forma de agradecimento a todos quantos vêm FAZENDO O BEM, como a própria palavra "benfeitor" encerra em si mesma. A todos estes, os nossos alunos e nós estaremos sempre profundamente gratos.

No entanto, este jornal espelha também um pouco do muito que se fez no mês de outubro, no Colégio de São José, de Beja, e por isso aqui encontrarão: notícias sobre The English and Sports Day, o desporto escolar; reportagens das visitas de estudo do 2º ano, ao Museu Botânico, do 5º ao Centro UNESCO; trabalhos com base em experiências de Ciências, mas também, no âmbito de Língua Portuguesa, com quadras sobre "A Bela e o Monstro" ou uma BD sobre A Odisseia, de Homero; de História sobre a invenção da escrita, sobre a Regra de São Bento, para além de sugestões de passeios pelos diversos vestígios da Pré-História, no nosso Alentejo. E claro que não podíamos deixar de incluir a Matemática e desenhos com base no mito "A Górgona Medusa", entre muitas outras coisas.

Encontrarão, sobretudo, um pouco do empenho, da dedicação e do trabalho que são o fruto da nossa proposta educativa e da base do nosso conceito de educação enquanto introdução à realidade total.

Boas leituras!

FICHA TÉCNICA

Coordenação e edição:
Professores Isabel Pestana, Márcia Dias Sousa e Miguel Meneses

Redação:
Alunos da turma do 5.º ano
António Mexia de Almeida
Augusto Fernandes
Duarte Leal
Isadora Mocochenski
Joana Marques
Luís Brandão
Mateus Moreno
Pedro Montes
Tomás Monteiro

Alunos da turma do 6.º ano
António Montes
Diana Santos
Francisco Galrito
Graça Marujo
Margarida Sousa
Maria Catarina Ramos
Maria do Rosário Baião
Pedro Glória
Petra Matos
Pilar Leal
Rafael Barros
Rita Janeiro
Salvador Mendonça Batista
Sofia Plácido

COLÉGIO DE S. JOSÉ
BEJA

À DESCOBERTA DO MUSEU BOTÂNICO

1.º CICLO

Num texto coletivo redigido em sala de aula, os alunos do 2.º ano contam, ao pormenor, como foi a sua visita de estudo ao IP de Beja, acompanhados pela Professora titular, Vera Marques, e pela Professora de Educação Visual, Micaela Mestre



Hoje, de manhã, [dia 23 de outubro de 2025], fomos ao Museu Botânico do Instituto Politécnico de Beja, para vermos plantas e insetos. Fomos a pé com as professoras Vera e Micaela.

Quando chegámos ao museu, vimos uma exposição de presépios. Alguns eram feitos com folhas de bananeira, madeira e folhas de oliveira, entre outros materiais.

De seguida, observámos uma grande vagem de feijão-do-mar e alguns objetos feitos com fibra de coco, como uma corda, um chapéu e até um instrumento musical.



Aprendemos que a planta do chá é apenas uma, mas pode dar origem a vários tipos de chá: preto, branco, verde, azul e amarelo. Vimos também como são feitos os lápis e sujámos as mãos com grafite. Alguns colegas puderam tocar num pedaço de borracha natural (goma). Descobrimos ainda que, no tempo do navio Titanic, os coletes salva-vidas eram feitos de cortiça. Outro fruto curioso que vimos foi o coco-do-mar: a sua semente pode pesar mais de 20 quilos e as folhas da palmeira são muito grandes!

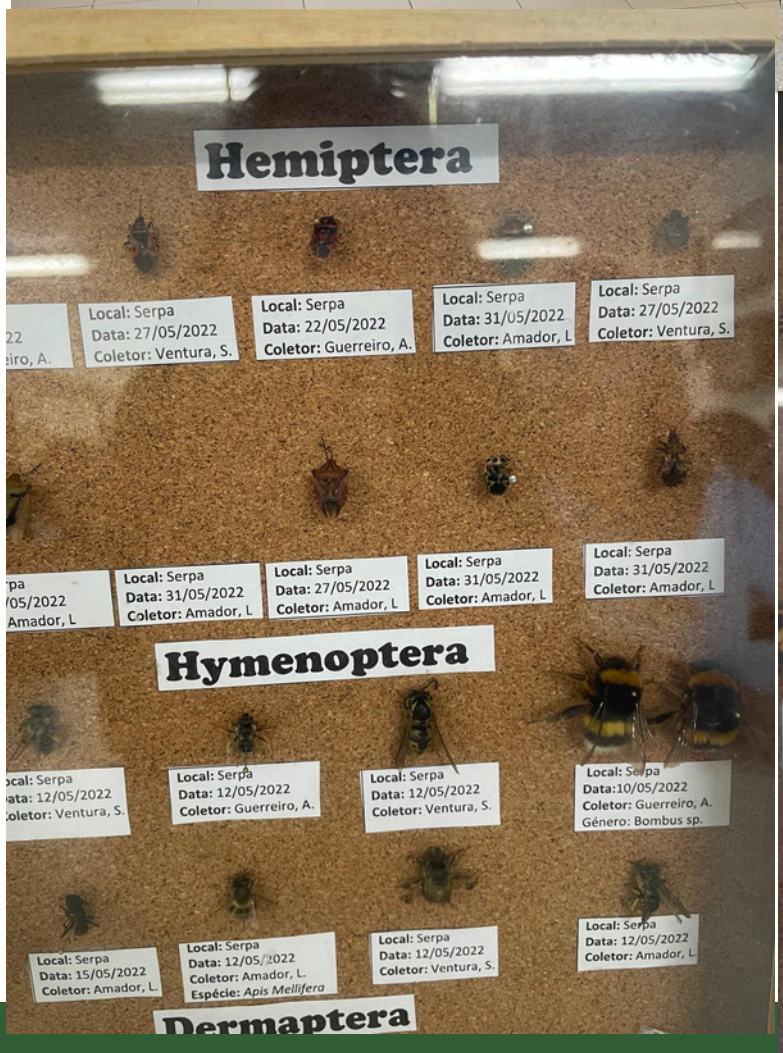
No museu, também encontrámos uma camisa feita com fibras de ananás, bem como malas e gaiolas feitas de palha.

No final, fomos para o laboratório, onde observámos e desenhámos insetos para trabalharmos nas aulas de Artes. Depois, regressámos ao Colégio para almoçar.




ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA




Hemiptera
Local: Serpa
Data: 27/05/2022
Coletor: Ventura, S.
Local: Serpa
Data: 22/05/2022
Coletor: Guerreiro, A.
Local: Serpa
Data: 31/05/2022
Coletor: Amador, L
Local: Serpa
Data: 27/05/2022
Coletor: Ventura, S.
Local: Serpa
Data: 31/05/2022
Coletor: Amador, L
Local: Serpa
Data: 27/05/2022
Coletor: Amador, L
Local: Serpa
Data: 31/05/2022
Coletor: Amador, L
Local: Serpa
Data: 31/05/2022
Coletor: Amador, L
Hymenoptera
Local: Serpa
Data: 12/05/2022
Coletor: Guerreiro, A.
Local: Serpa
Data: 12/05/2022
Coletor: Ventura, S.
Local: Serpa
Data:10/05/2022
Coletor: Guerreiro, A.
Género: Bombus sp.
Local: Serpa
Data: 15/05/2022
Coletor: Amador, L.
Local: Serpa
Data: 12/05/2022
Coletor: Amador, L.
Espécie: Apis Mellifera
Local: Serpa
Data: 12/05/2022
Coletor: Ventura, S.
Local: Serpa
Data: 12/05/2022
Coletor: Amador, L.
Dermaptera


Entomoteca
Lepidoptera
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.
Espécie: Zerynthia Rumina
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.
Espécie: Maniola Jurtina
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.
Espécie: Pieris Brassicae
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.
Local: Beja
Data: 19/05/2022
Coletor: Ventura, S.
Local: Serpa
Data: 2/04/2022
Coletor: Amador, L.

2.º CICLO

OBSERVANDO A TRADIÇÃO

No âmbito do seu estudo sobre o património imaterial, os alunos do 5.º ano visitaram o Centro UNESCO, em Beja, acompanhados pela docente de Educação Visual, a Professora Micaela Mestre



A primeira sala que nós visitámos foi a das violas campaniças e guitarras portuguesas. Nós vimos os exemplares das duas. Eram grandes e pequenas, com partes arredondadas. A viola campaniça tem 10 cordas, mas a que nós vimos tinha 9 e um sobreiro a preto, em baixo .

A sala tinha azulejos tradicionais do Alentejo, uma televisão com um vídeo de cante alentejano e fotos. A viola era castanha clara e o cabo escuro.

A guitarra era redonda, a parte de cima era diferente da campaniça, sendo também maior. Tinha 14 cordas e era da mesma cor. Era de uma madeira que se chama azinheira. Só havia uma em exposição e era muito bonita.

(António Mexia de Almeida e Duarte Leal, 5.º ano)

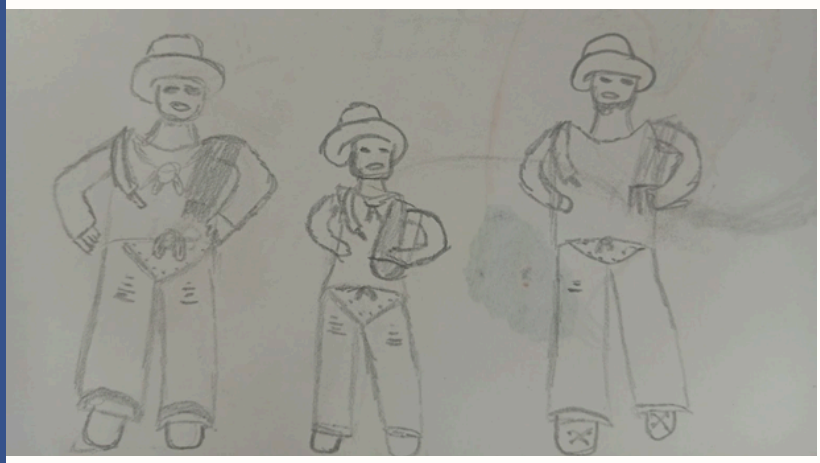


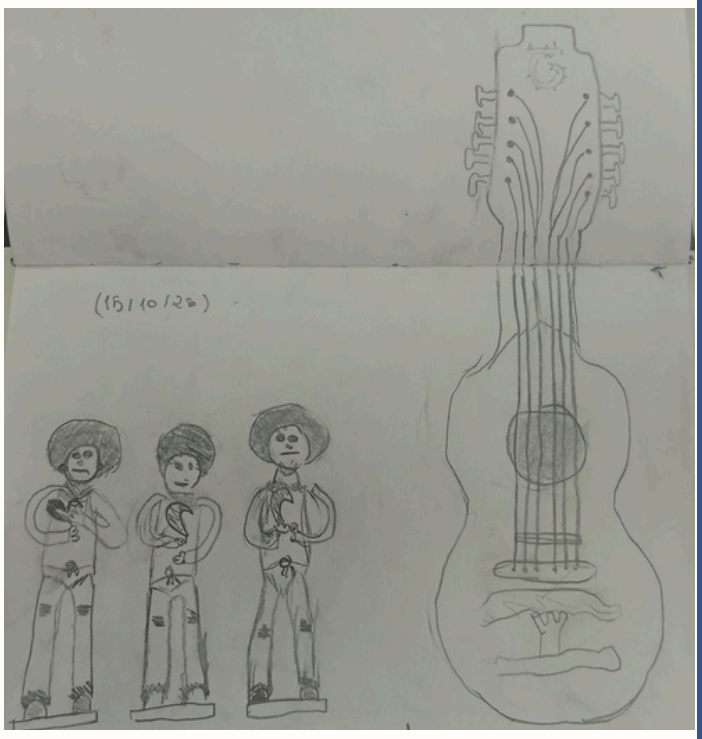
O CANTE ALENTEJANO

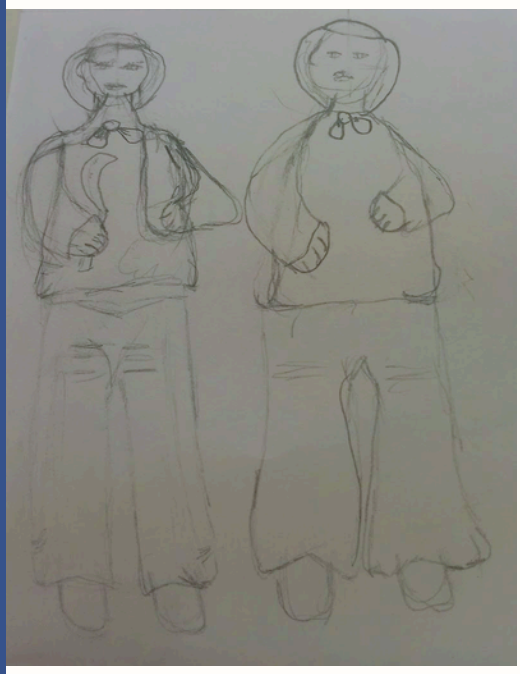
No centro UNESCO de Beja, há esculturas de senhores do cante feitas de argila. Não são grandes, mas sim pequenas. A nossa turma do 5º. ano desenhou essas esculturas. Na sala onde estão expostas, existem também outros objetos de madeira, de buinho e de barro, tais como charretes e pessoas montadas em burros.

No centro, são organizados concertos do cante de Beja e de outras cidades alentejanas que têm grupos de cante. Quando estão a cantar, fazem duas filas, estando às vezes de braços cruzados. Usam chapéu pretos, ceifas, camisas brancas, coletes de malha, sapatos pretos, calças pretas e um xaile .

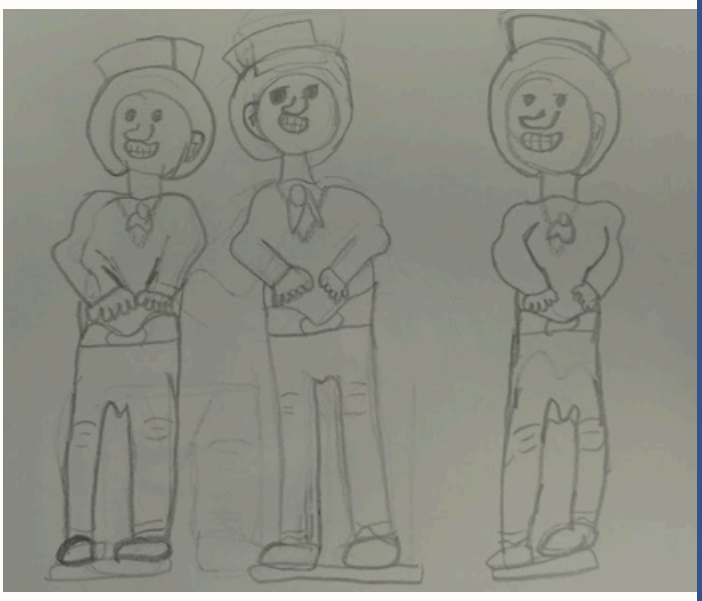
(Luís Brandão, 5.º ano)

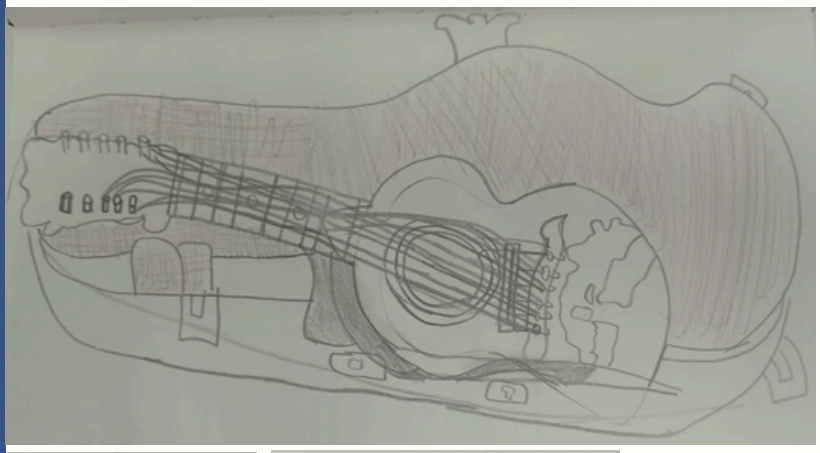




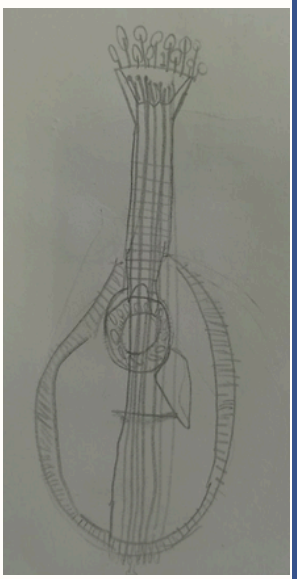


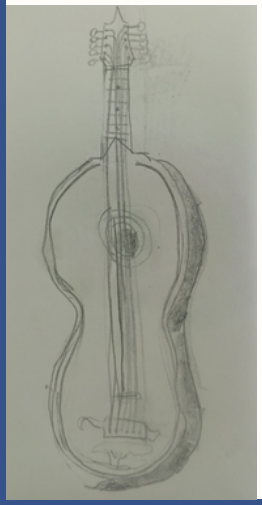


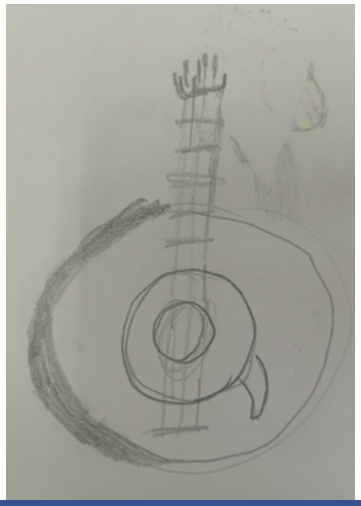


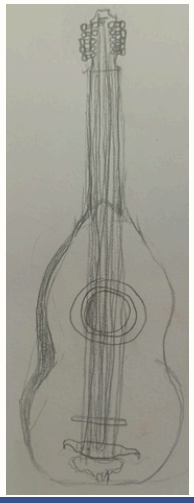












A viola campaniça, a guitarra portuguesa e o cante alentejano. Interpretações dos alunos do 5.º ano, por observação direta

O BUINHO

O buinho é um tipo de junco que pode ser trabalhado. O último guardião da técnica é o Sr. Manuel Pica [na foto ao lado]. Ele ensinou-nos a técnica de fazer pulseiras. Consiste em fazer um nó no meio da fita de buinho e rodá-la na mão, de modo a ficar fininha. Depois, sobrepõe-se a ponta da esquerda à da direita e volta-se a repetir o ciclo, até que a pulseira esteja à medida do pulso.

O Sr. Manuel faz este tipo de artesanato desde tenra idade. Ele faz cadeiras, proteções para garrafas, cadeirinhas para oferta ou lembrança, bancos e fez até uma árvore de Natal com enfeites de buinho. A árvore de Natal demora de 1 a 2 semanas a acabar; uma cadeira demora, pelo menos, 3 dias (o mesmo tempo do que um banco) e uma "mini-cadeirinha" demora cerca de 3 horas.

Ele trabalha numa sala que não é nem muito grande, nem muito pequena. Esta sala tem duas janelas e está repleta de fitinhas de buinho, cadeiras, bancos, proteções de jarros, garrafas, entre outros objetos. Tem duas mesas: uma grande e uma pequena. Esta última é mais baixa do que a outra. A sala encontra-se ao fundo de um corredor, ao lado de outra com esculturas de barro e de madeira.

O buinho tem de ser trabalhado com muito cuidado: se for muito grosso, não dá para entrelaçar; se for muito fininho, a fitinha parte-se. O Sr. Manuel é um especialista nesta técnica.

Nós gostámos da experiência no Centro UNESCO. É um local que têm de conhecer e esta é uma salinha fantástica.

(Augusto Fernandes e Tomás Monteiro, 5.º ano)





PULSEIRAS

Nós gostámos muito de uma atividade: as pulseiras de buinho. Gostámos, porque adoramos fazer pulseiras, aprendendo, desta vez, a trabalhar o buinho. O senhor molhava as linhas com um spray de água para conseguir moldá-las e enrolá-las. Em seguida, cortava-as mais pequenas, para caberem no nosso pulso, e, depois, enrolava-as para a direita. Por fim, o senhor dava um nó.

Ainda que tenha sido muito rápido, foi muito interessante ter esta nova experiência.

(Isadora Mocochenski e Joana Marques, 5.º ano)

A GALERIA DO PATRIMÓNIO

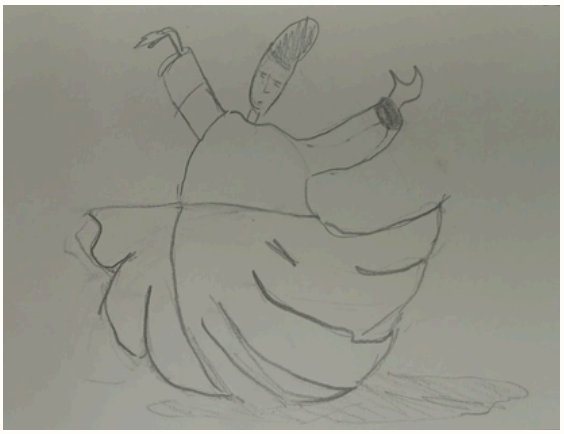
Na galeria do património, havia muitas imagens de tradições e culturas de muitos países, como, por exemplo, o Día de los Muertos, no México, e a capoeira, no Brasil. Havia muitos exemplos de tradições portuguesas, como objetos de barro preto e pratos típicos, por exemplo, migas, carne de porco alentejana e açorda de alho. Estes são exemplos de património material, mas também vimos outros de património imaterial, como o cante alentejano. Antes de irmos embora, desenhámos várias culturas, nomeadamente a capoeira e um homem que parecia uma cabra e era da Jamaica.

(Mateus Moreno e Pedro Montes, 5.º ano)





Barro preto de Bisalhães (Portugal)

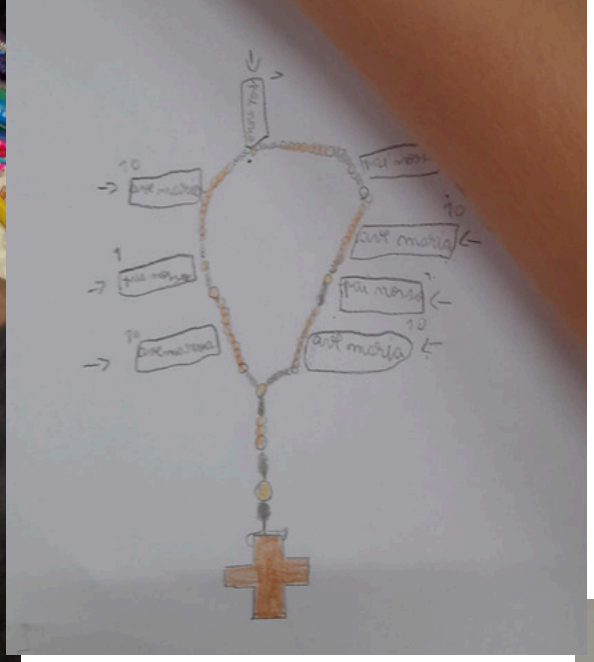


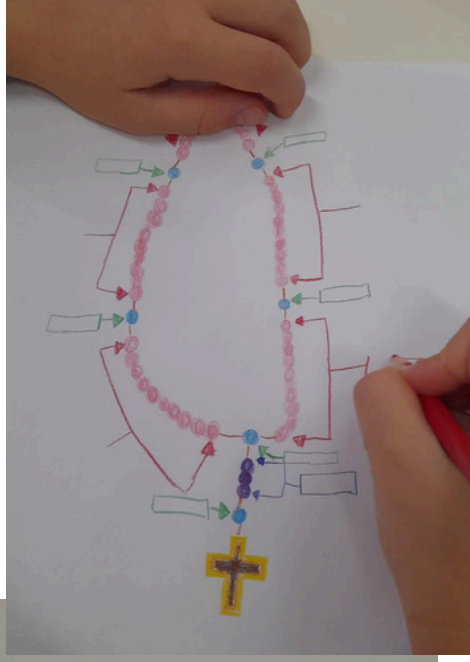
Cerimónia Malevi (Turquia)

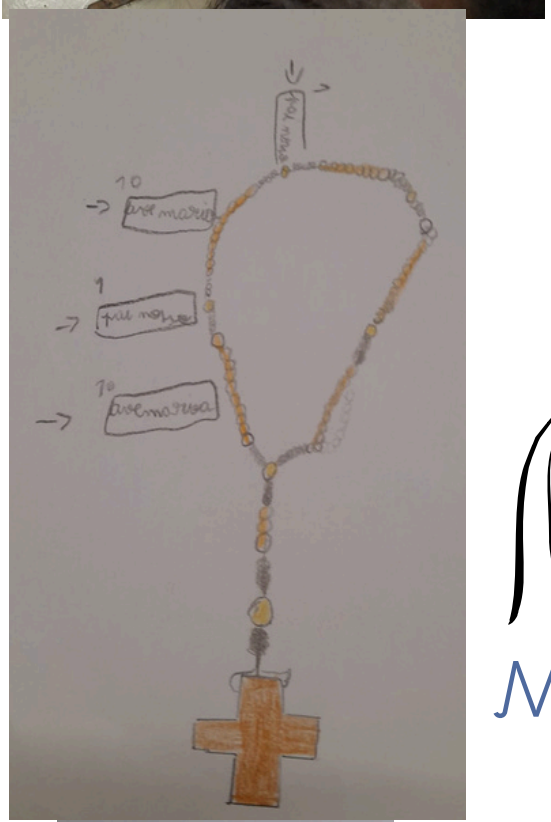


Capoeira (Brasil)





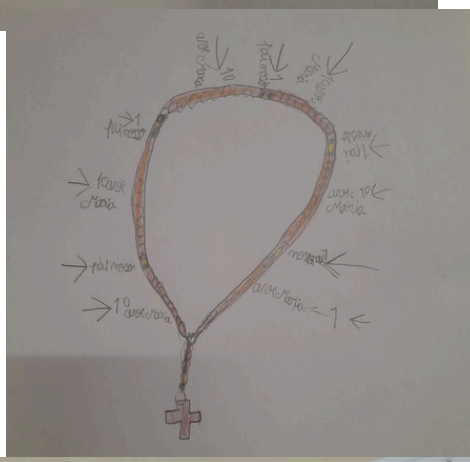




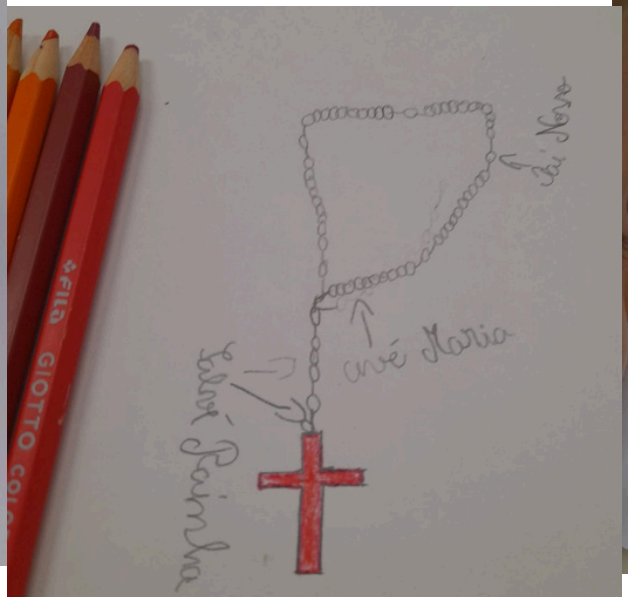


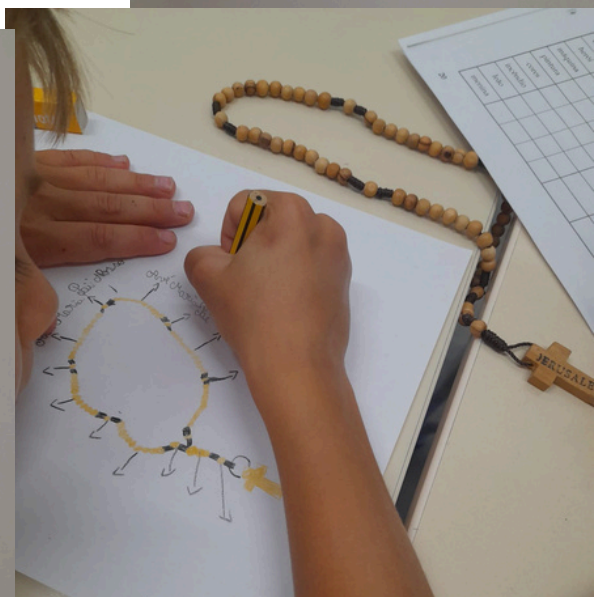


Mês do Santo Rosário















ENGLISH & SPORTS DAY

We visited the 1st and 4th graders to find out what they most enjoyed about the English and Sports Day, which took place on October 27th. Here's what they told us

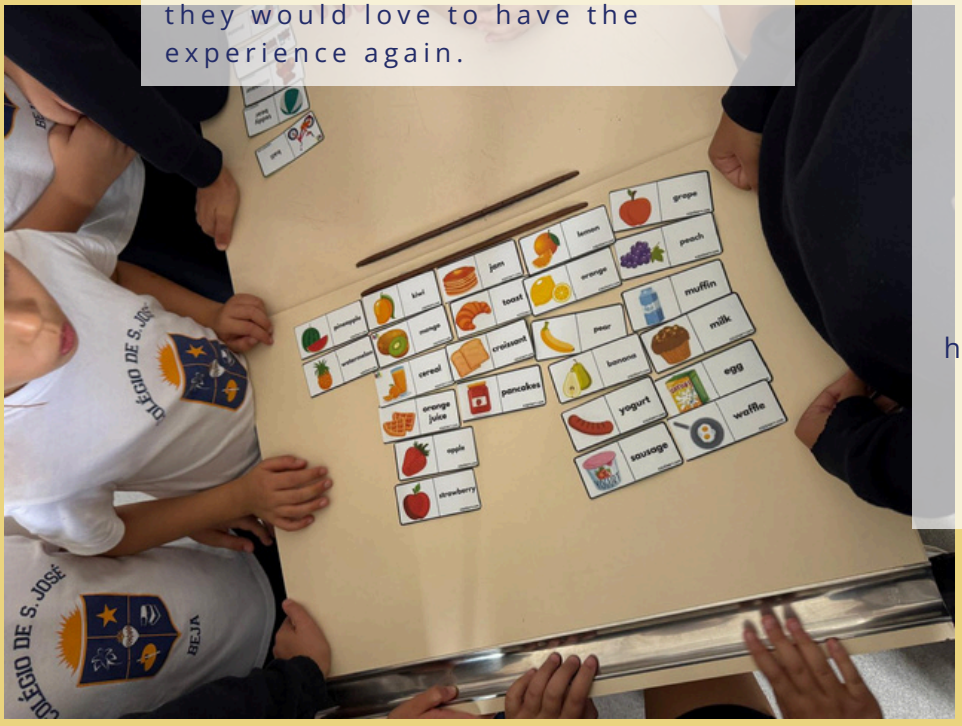
THE ENGLISH DAY







As 6th-grade students, we went to the 1st-grade classroom to ask questions about the English Day. We started by introducing ourselves and then got straight to the topic — the spectacular day that the youngest students from our school got the chance to experience and that we, the eldest, didn't. We received a variety of answers, and some students said they would love to have the experience again.



Amongst the various games they got to play throughout the day, what they enjoyed the most were the bicycle and scooter activities. Some students ended up tired, but others wanted to keep playing. They did these activities on the football field, while the English activities took place in the classroom. For lunch, they had hot dogs, and for dessert, pumpkin and pomegranate pie. In the end, all the students enjoyed the English Day.

News report made by Margarida Sousa and Salvador Mendonça Batista







WHAT ABOUT THE SPORTS DAY?





According to the information given by the 4th graders about the Sports Day, they said that it was “amazing, fun, and full of games.” They really enjoyed riding their bikes, especially because they didn’t have to work or study. They played rugby, archery, and malha (a traditional Portuguese game), although malha was the one they liked the least, as it was quite different. They all agreed that the games were very well organized, since each class had its own sports station

News report made by Rita Janeiro and Sofia Plácida

Entrevista a João Costa do grupo

BRICO MARCHÉ

O conforto da sua casa ao melhor preço

O grupo Mosqueteiros tem mais de 50 anos e 350 lojas, sendo cada uma administrada por um gestor independente e totalmente autónomo. Nas lojas Bricomarché de Beja e de Castro Verde, esse papel cabe a João Costa e a Ana Cordeiro

Os responsáveis pela loja Bricomarché de Beja e de Castro Verde são os benfeitores mais recentes do Colégio de S. José - Beja e foi com João Costa que tivemos o privilégio de conversar, para conhecermos um pouco melhor esse seu novo papel.

(Entrevista realizada pelas turmas do 5.º e do 6.º ano, a 16 de outubro de 2025)

Por que motivo decidiram ser benfeitores do Colégio?
Nós decidimos ser benfeitores, em primeiro lugar, porque conhecemos o Colégio (o nosso filho mais velho estuda cá). A partir do momento em que o trouxemos para cá, tomámos conhecimento da necessidade que o Colégio tem de ter amigos que vos ajudem. E uma das principais razões da nossa ajuda é contribuirmos para o vosso melhor futuro, com todos os materiais necessários e, juntamente com os professores, construirmos um melhor futuro e proporcionarmos aos alunos as melhores aulas.

Qual a razão da vossa mudança para a Beja?
Nós viemos para a Beja não porque, na altura, o desejássemos, mas porque houve uma abertura por parte de quem aqui estava, pois o Bricomarché já aqui está há muitos anos. A pessoa responsável, à época, era francesa. Essa pessoa foi-se embora e convidou-nos para virmos para Beja. Nós viemos, gostámos muito de aqui estar e já cá estamos há oito anos.

Como é ser dono de uma empresa tão grande?
É muito desafiante. Temos muitas coisas a acontecer, ao mesmo tempo. Temos de tomar decisões; temos de, muitas vezes, acatar com as consequências que, às vezes, são más. E estamos cá para o bem e para o mal. Mas não é fácil e é preciso muita coragem para o fazer.

Como e quando tiveram a ideia de ter uma empresa assim tão grande?
Foi um dia em que a minha mulher, a Ana, que já trabalhava no Bricomarché, mas numa outra loja que não esta de Beja. Um belo dia, o patrão dela - na altura o dono do Bricomarché onde ela trabalhava -, convidou-nos a vir para cá e assumir uma empresa deste tamanho. E nós dissemos que sim. E ainda bem, porque gostamos de cá estar!

Uma das principais razões da nossa ajuda é contribuirmos para o vosso melhor futuro

Ter um negócio familiar é fácil?
Não. Quando fores grande vais perceber que não é fácil! Mas também não é difícil. É um bocado contraditório: tem aspetos bons e aspetos maus. Um aspeto bom é que estamos sempre com a nossa esposa, com a nossa mulher. Não nos vemos só ao final do dia. Por outro lado, normalmente as pessoas não têm sempre o mesmo feitio e há por vezes discussões. Mas temos de pôr isso para trás das costas e continuar no dia seguinte.

BRICO MARCHÉ

O conforto da sua casa ao melhor preço

Gostam de trabalhar?
Gostamos muito de trabalhar. Aliás, eu costumo dizer que eu já não trabalho. Porquê? Porque eu faço aquilo que gosto. Quando nós fazemos aquilo que gostamos, é como se não existisse trabalho.

Senti-me bem aqui dentro e decidi trazer o meu filho para aqui também

Acha que o Colégio tem algo a acrescentar à educação do seu filho?
O Colégio tem tudo para acrescentar à educação do meu filho. É o principal. É aqui que ele vai aprender a ser alguém na vida. Porque nós, infelizmente não conseguimos ensinar tudo aquilo que queremos ensinar aos nossos filhos. É aí que entra a parte da escola, que lhes vai ensinar o que nós não conseguimos.

O que é que o Colégio consegue proporcionar à educação dos seus filhos que a escola pública não consegue?
A questão não é dizermos que a escola pública é a má escola e que a privada é a boa. Muitas vezes, nós tomamos a decisão com base no que sentimos, como aliás foi o nosso caso. Quando visitámos o Colégio, sentimo--nos bem aqui dentro e isso ajudou-nos a tomar uma decisão. Quando vocês entram em vossa casa, sabem que é a vossa casa. E o Colégio é igual: eu senti-me bem aqui dentro e decidi trazer os meus filhos para cá. Um para já; o outro há de vir.

O Bricomarché também tem benfeitores?
Não, o Bricomarché vive de outro tipo de ajudas que não de benfeitores.

Quanto dinheiro auferem por ano para terem a capacidade de ajudar o colégio?
Nós ganhamos dinheiro suficiente para pagar aos funcionários, para pagar os produtos que temos em loja e, de vez em quando, para fazer obras. Às vezes, ainda conseguimos abdicar de uma obra ou de outra para ajudarmos o Colégio, pois nós também gostamos de ajudar. Aliás, o Bricomarché cresce também ajudando os que estão à sua volta.
Se o Bricomarché ajudar o vosso Colégio, vocês vão agradecer a nossa ajuda, vão ter boas condições para estudar e, um dia mais tarde, poderão vir a ser profissionais que necessitem de vir ao Bricomarché comprar alguma coisa para fazer obras ou qualquer coisa do género.

Muito obrigada pela entrevista!

Entrevista a Teresa Chaves

HERDADE DO PEIXOTO

Um monte situado na cidade de Serpa, no Baixo Alentejo, é um terreno agrícola e residencial. Na Herdade do Peixoto, existem culturas de olival, cortiça e amendoal.
A família que a gere já faz “parte da mobília” do nosso Colégio, pois tem-nos acompanhado ao longo de todo o nosso percurso, desde o início. Quem tivemos o privilégio de entrevistar e de conhecer foi Teresa Chaves, uma das proprietárias desta herdade

(Entrevista realizada pela turma do 6.º, a 14 de outubro de 2025)

Como descrevem a ajuda que a Herdade do Peixoto tem dado ao Colégio de S. José - Beja?
Sentimos que participamos num projeto comunitário. É muito importante, quando vivemos em comunidade, participarmos nos vários projetos que se vão criando. Portanto, todos nós somos corresponsáveis pelo que acontece na nossa comunidade e, nesse sentido, considerámos da maior importância e gostámos muito da possibilidade de podermos participar neste projeto do vosso Colégio.

Pensam que nos ajudaram a melhorar o Colégio?
Eu penso que sim! Nós estamos empenhados na construção deste Colégio, desde o início, e a colaboração não é só financeira; não é só dessa maneira que se pode colaborar. Nós empenhámo-nos muito, em vários aspetos, para que fosse realmente possível concretizar este projeto. Além do mais, tenho três netos a estudar em Lisboa, no Colégio de S. Tomás [que faz parte dos colégios APECEF].

Porquê?
Porque é um colégio muito bom. É um colégio de excelência e os meus netos adoram ir para a escola, têm aprendido imenso, são muito bons alunos e têm tido também uma formação boa a nível do ensino da religião católica, o que, para mim, é muito importante.

Vamos poder continuar a contar com a vossa ajuda no futuro?
Sim, dentro das nossas possibilidades, estaremos sempre in-



Visita dos finalistas do 4º ano do Colégio de S. José - Ramalhão à Herdade do Peixoto

-teressados em colaborar com o vosso Colégio, porque achamos realmente que é um projeto muito importante para a comunidade.

Na sua perspetiva, qual acha que é o melhor atributo deste Colégio?

Eu acho que é tudo ótimo! Mas talvez o ensino, a formação cristã, os valores transmitidos... É isso que depois se traduz no dia a dia, na forma como as pessoas vivem, como testemunham a sua vida e que podem também ajudar todos os que estão à sua volta para irem também crescendo na fé, evangelizando com o bom testemunho das outras pessoas.



Gostariam de mudar alguma coisa no Colégio?

Bom, eu não tenho qualquer experiência escolar, não é? Não sei, não tenho esses conhecimentos. Sei que o Colégio é muito bom, que está a funcionar muito bem, que tem professores de excelência e, portanto, confio totalmente que tudo o que está a ser realizado a nível pedagógico, que é o melhor.



A educação é, para vocês, uma coisa importante?

É muito, muito importante. Na vida, faz toda a diferença ter uma boa educação e uma boa formação. É fundamental para que a pessoa se possa, depois, realizar na escolha da sua profissão, possa ser um bom profissional e possa também testemunhar e ser uma pessoa de bem na sua comunidade.

Porque optaram por esta escola que ainda não estava finalizada e não por uma escola que já estivesse "construída"?
Porque faltava uma escola com as características desta.

Acham que merecemos a vossa ajuda?
Claro que sim! Porque vocês também se empenham em ser bons alunos, em aproveitar tudo aquilo que vos é dado, aí, no Colégio, e, nesse sentido, acho que sim, que vale a pena e que é positivo todos colaborarmos.

O que esperam do colégio?
Esperamos que nele cresçam meninos bem formados, com valores cristãos, com formação académica para poderem escolher os cursos que queiram e serem, amanhã, bons profissionais, para poderem colaborar com a sociedade, para tornar a sociedade mais justa. Estarem atentos também aos mais pobres, aos que mais necessitam e serem pessoas completas, com uma boa formação.

Para terminar: os benfeitores têm benfeitores?
Nunca tinha pensado nisso! Mas sim, eu penso que toda a comunidade, quando está unida, quando participa nos projetos que existem à nossa volta, ao fim e ao cabo, está a ser também benfeitora, não é? Todos nós, ao colaborarmos em projetos bons, estamos também a trazer benfeitorias às pessoas que nos rodeiam através do exemplo, do testemunho. Portanto, há várias maneiras de se ser benfeitor, não é? Mas, realmente, nunca tinha aprofundado muito essa questão. É muito interessante!

Muito obrigado!



Brevíssimo, bravíssimo!

Neste mês de outubro, destacamos os seguintes acontecimentos com impacto positivo na nossa comunidade escolar

1

Academias: já estão definidas as turmas e os horários das várias academias, que vão, com certeza, contribuir para o enriquecimento do percurso individual dos nossos alunos.

2

Peregrinação: é com muita alegria que o nosso Colégio irá participar na peregrinação a Fátima, organizada anualmente pela APECEF. Contaremos tudo na edição 3!

3

Pão por Deus: em comemoração do dia de Todos os Santos, os alunos do 2.º Ciclo doaram bens à Casa Pia de Beja. Esperamos que sejam úteis aos jovens da instituição!

De partir o coco a rir...

Ouvimos dizer nos corredores:

"O coveiro é quem semeia as couves"

(Nazaré Leal e M.ª Clara de Jesus, 2.º ano)

DESPORTO ESCOLAR: MUITO MAIS DO QUE JOGAR

O Desporto Escolar é muito mais do que uma simples atividade extracurricular. É um projeto para alunos a partir do 2.º Ciclo que visa impactar positivamente as suas vidas, tanto dentro como fora da escola.

Através da prática desportiva, os alunos têm a oportunidade de desenvolver valores fundamentais, como o respeito, a cooperação, a disciplina e o espírito de equipa. Permite-lhes, também, descobrir novas modalidades, melhorar as suas capacidades físicas e aprender a lidar com desafios e derrotas de forma positiva. Para muitos, é, igualmente, uma forma de se integrarem melhor na comunidade escolar, fazendo novos amigos e fortalecendo o sentimento de pertença ao grupo. O Desporto Escolar contribui, ainda, para uma vida mais saudável. Num tempo em que passamos tantas horas sentados e ligados aos ecrãs, o exercício físico regular ajuda a equilibrar o corpo e a mente, melhorando a concentração nas aulas e, até, o desempenho académico. Por fim, o desporto tem um papel fundamental na inclusão. Independentemente da idade, do género ou do nível de habilidade, todos os alunos têm espaço para participar e evoluir. O foco não está apenas em ganhar, mas em crescer como Pessoa e como grupo.

Em suma, o Desporto Escolar é uma verdadeira escola de valores e de vida. Incentivar a participação e apoiar este projeto é investir no futuro de alunos mais saudáveis, confiantes e solidários.

O Desporto Escolar no Colégio de S. José - Beja

Foi de braços abertos que o Colégio integrou o projeto do Desporto Escolar, querendo aumentar o leque de experiências extracurriculares dos nossos alunos. Contudo, como ainda não temos dimensão para criar equipas próprias (para lá caminhamos!), os alunos do 2.º ciclo têm a oportunidade de integrar equipas de outras escolas em Beja. São várias as modalidades disponíveis: boccia, futsal, badminton, desportos gímnicos, natação, padel, ténis de mesa e voleibol. Por que não te juntas a nós?

Quem experimentou, aconselha

O Duarte Leal e o António Almeida, do 5.º ano, adoraram experimentar padel. Dizem que foi uma experiência muito positiva, tendo feito muitos amigos novos. O Francisco Galrito, do 6.º ano, e o Augusto Fernandes, do 5.º, acharam o futsal muito emocionante. Divertiram-se imenso e querem muito continuar a prática desta modalidade, para poderem evoluir.

UM POUCO DE HISTÓRIA... E DE INSPIRAÇÃO HISTÓRICA!



Pinturas rupestres: uma forma artística e de comunicação, anterior à invenção da escrita

Têm sido vários os conteúdos abordados nas aulas de História, tanto a nível do 5.º ano como do 6.º. Os alunos têm vindo a produzir trabalhos individuais, como forma de consolidarem as matérias. Queremos partilhar alguns deles:

- No que se refere ao 5.º ano, destacamos uma pesquisa histórica e uma reflexão sobre **a invenção da escrita** e, numa lógica de escrita criativa, a visão de alguns alunos sobre **como terá sido viver naquela época, quando o Homem transitou da Pré-História para a História**;

- No caso do 6.º ano, destacamos alguns trabalhos de pesquisa sobre **o Império Romano do Oriente (ou Império Bizantino) e o monaquismo na Europa Medieval**, bem como produções de escrita criativa sobre **a vida naquele Império**.

A INVENÇÃO DA ESCRITA

A escrita no quarto milénio a.C., na sequência das importantes transformações que aconteceram no Neolílitco, quando o Homem passou de nómada a sedentário e de caçador-recoletor a produtor. Com o desenvolvimento da agricultura e da pastorícia, passou a ser necessário registar os bens que possuíam, para terem a certeza do que tinham e do que poderiam vender.

Surgiram as cidades e comércio. O modo de vida alterou-se e foi preciso criar formas de tornar a comunicação mais fácil. Com a escrita, em vez de caminharem muitos quilómetros para dizerem o que precisavam, deixavam registado nas placas de argila, madeira, osso ou marfim.

O Neolítico implicou alterações de vários tipos: sociais, económicas, políticas e culturais, sobretudo nas populações das regiões da Suméria, do Egito, do Vale do Indo e da China. Foi nestas regiões que surgiram as primeiras representações escritas.

Inicialmente, usavam-se pictogramas, que eram desenhos de objetos e seres vivos. Os Sumérios começaram, então, a usar sinais de escrita (símbolos padrão) para contarem e registarem os bens que possuíam. Usavam um estilete com uma palheta pontiaguda em forma de cunha. Esta escrita chamava-se **escrita cuneiforme**. Com o passar do tempo, começaram também a representar sentimentos e ações.

Por volta da mesma altura, os egípcios criaram a **escrita hieroglífica.** Os hieróglifos são imagens representativas de uma palavra, de um conceito ou de um objeto. Eram desenhadas em papiro e também serviam para decoração das paredes dos túmulos, dos palácios e dos templos.

A caligrafia é um símbolo importante da cultura **chinesa**, caracterizada pela originalidade e riqueza da sua escrita. É composta por sinogramas.

(Augusto Fernandes, 5.º ano)

(Fontes: RTP Ensina, Infopédia)

UMA DESCOBERTA MARAVILHOSA

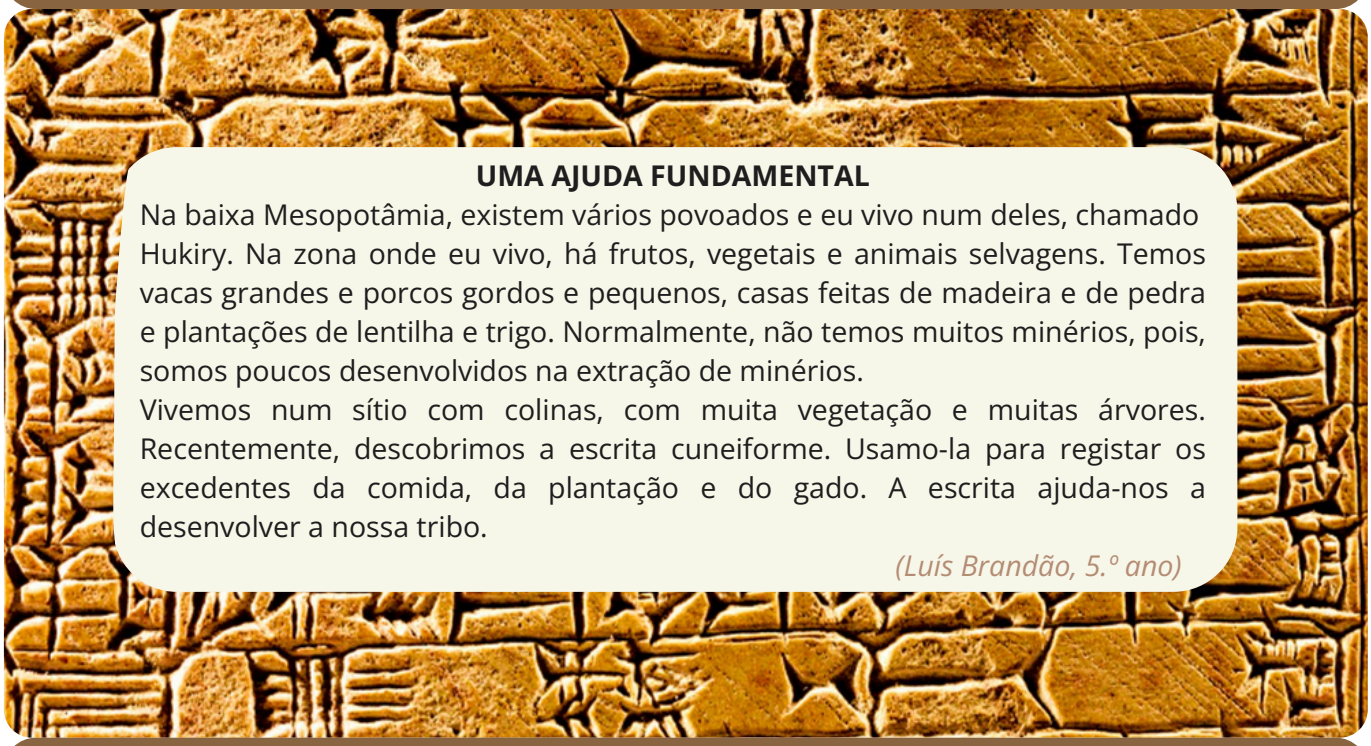
Há muito, muito tempo as pessoas não sabiam escrever. Elas só falavam e lembravam-se das coisas pela sua memória. Quando queriam contar algo importante, precisavam de decorar tudo e, às vezes, esqueciam-se. Imaginem a confusão!

Um dia, um povo antigo, chamado Sumérios, começaram a fazer desenhos em tábuas de barro. Mostravam o que queriam dizer, como comida, animais ou pessoas, e deu-se, assim, o começo da escrita!

Com o tempo, os desenhos foram mudando e ficando mais simples até se tornarem letras que, juntas, formaram palavras. Assim, ficou mais fácil guardar as ideias e contar histórias sem se precisar apenas da memória. Desde então, o mundo mudou muito. As pessoas puderam escrever leis, histórias e até sonhos. Tudo passou a ficar registado para sempre!

Hoje, quando escrevemos, estamos a continuar o que começou há milhares de anos. A escrita foi uma invenção maravilhosa, porque guarda o que sentimos e passamos para o futuro.

(Isadora Mocochenski, 5.º ano)



UMA AJUDA FUNDAMENTAL

Na baixa Mesopotâmia, existem vários povoados e eu vivo num deles, chamado Hukiry. Na zona onde eu vivo, há frutos, vegetais e animais selvagens. Temos vacas grandes e porcos gordos e pequenos, casas feitas de madeira e de pedra e plantações de lentilha e trigo. Normalmente, não temos muitos minérios, pois, somos poucos desenvolvidos na extração de minérios.

Vivemos num sítio com colinas, com muita vegetação e muitas árvores. Recentemente, descobrimos a escrita cuneiforme. Usamo-la para registar os excedentes da comida, da plantação e do gado. A escrita ajuda-nos a desenvolver a nossa tribo.

(Luís Brandão, 5.º ano)

UM LEGADO PARA AS GERAÇÕES SEGUINTES

No tempo em que não havia escrita, as pessoas contavam histórias à volta do lume. Para se lembrarem das coisas importantes, faziam desenhos nas pedras, grutas e marcavam símbolos em ossos ou cerâmica. Quando o meu pai queria dizer ao vizinho que tinha vendido uma ovelha, tinha de ir lá ao pé e contar com a boca. Às vezes, alguém se esquecia de uma parte da história... E tudo mudava.

Um dia, eu, a mais sábia da aldeia, comecei a desenhar sinais diferentes para representar palavras. Foi assim que nasceu a escrita! No início, era difícil, pois tínhamos de gravar cada símbolo com um pau afiado em placas de barro. Mas logo percebemos que era mágico: podíamos guardar as nossa ideias, mensagens e histórias para sempre.

Agora, em vez de esquecermos, escrevemos. Em vez de andarmos muito, para avisarmos alguém, deixamos uma tábua de sinais. A escrita mudou tudo! As histórias já não se perdem, e até os meus netos, que ainda nem nasceram, vão poder ler o que eu escrevi.

(Joana Marques, 5.º ano)

O IMPÉRIO BIZANTINO

ANTES DE MAIS, É IMPORTANTE SABER

IMPÉRIO

É uma grande entidade política governada por um imperador que controla vastos territórios e povos diversos muitas vezes adquiridos através de conquistas militar, económica ou diplomática.

(Rita Janeiro, 6.º ano)

O CÓDIGO JUSTINIANO

O código Justiniano, formalmente conhecido como *Codex Justinianus*, é uma das quatro partes do *corpus juris civilis*, uma monumental compilação do direito romano, ordenada pelo imperador bizantino Justiniano, no século VI. O objetivo era sistematizar e atualizar o vasto e desorganizado corpo de leis que se tinha acumulado ao longo de séculos de História romana.

(Graça Marujo, 6.º ano)



O Império Bizantino na sua máxima extensão, durante o reinado de Justiniano (séc. VI)

INTERPRETAÇÃO DE UMA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA



MOSAICO DE JUSTINIANO (BASÍLICA DE SAN VITALE, RAVENA, ITÁLIA)

Esta imagem é um mosaico do Imperador Justiniano, que podemos encontrar na Basílica de São Vital, na cidade de Ravena, em Itália.

O mosaico mostra o imperador ao centro, com uma coroa e umas vestes escuras, o que simboliza o seu poder e a sua autoridade. À sua volta estão, com roupas mais claras, soldados, sacerdotes e membros da corte, que representam a união entre os poderes político, militar e religioso do Império Bizantino. Cada elemento dos diferentes grupos é identificado pelas armas e pelos objetos sagrados.

(Maria do Rosário Baião, 6.º ano)

ESCRITA CRIATIVA: A MINHA VIDA NO IMPÉRIO BIZANTINO



A Basílica de Santa Sofia, em Istambul, atual capital da Turquia (na época, Constantinopla)

Nasci e cresci na capital do Império, Constantinopla. O meu pai é um grande comerciante de romãs e eu estou a aprender o ofício. Temos um posto perto da Basílica de Santa Sofia, templo esse que foi construído pelo Imperador Justiniano, em 537, e eu já tive a sorte de ver passar as tropas do Império e o imperador.

Além de vendermos em Constantinopla, também exportamos para outros sítios do Império, como para Roma e para Cartago.

O nosso imperador também dá muita importância ao Direito e, em 529, publicou o Código Justiniano.

Depois da morte do nosso imperador, perdemos quase todas as nossas colónias e ficámos reduzidos à zona da Turquia e do Mar Egeu.

(António Montes, 6.º ano)

Vivo em Constantinopla, a capital do Império bizantino. A cidade é enorme, cheia de palácios, igrejas e mercados com produtos vindos de todo o mundo. O nosso imperador é Justiniano, um homem inteligente e determinado. Ele fez muitas conquistas e mandou construir a maravilhosa Basílica de Santa Sofia. Dizem que o imperador Justiniano gosta muito das leis, mandou organizar todas num grande código, para que todos soubéssemos o que era justo e o que não era. O povo diz que ele quer governar com justiça e acredita que o Direito é o coração do Império.

O Império é muito rico e poderoso, mas, depois da morte do Imperador Justiniano, as conquistas pararam. Mesmo assim, sinto orgulho em viver neste lugar e acredito que o nosso Império vai continuar a ser forte.

(M.ª do Rosário Baião, 6.º ano)

Vivo na magnífica cidade de Constantinopla, o coração do Império Bizantino. As ruas estão cheias de comerciantes vindos de todos os lugares do mundo e o brilho do ouro das igrejas reflete o poder do nosso imperador, Justiniano.

O imperador é conhecido por ser um grande governante. Sob o seu comando, o Império tornou-se mais forte e organizado. Ele mandou construir a impressionante Basílica de Santa Sofia, que deixa todos maravilhados pela sua beleza. Também criou um importante código de leis - o Código Justiniano -, que ajuda a manter a justiça entre o povo.

Aqui, em Constantinopla, a vida é cheia de movimento. Os soldados protegem as fronteiras, os estudiosos copiam livros antigos e os comerciantes enchem o mercado com especiarias e tecidos vindos do Oriente. Todos acreditamos que Constantinopla é a cidade mais rica e poderosa do planeta.

Viver neste Império é sentir o orgulho de fazer parte de uma civilização onde a fé, a arte e o saber se unem para criar algo grandioso.

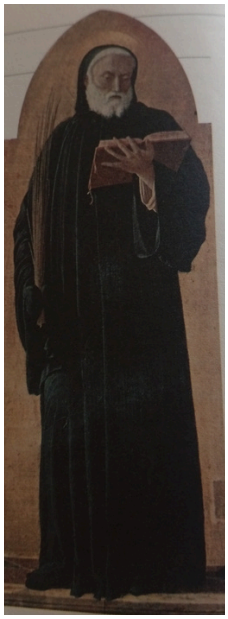
(Rafael Barros, 6.º ano)

Acordo em Constantinopla, ponte entre a Europa e a Ásia, no século VI, sob o poder de Justiniano. Pelas ruas, ouço a notícia de que o Norte de África, a Península Itálica e parte da Hispânia foram conquistadas pelo nosso imperador. Sobrevivemos às invasões dos bárbaros que levaram à queda do Império Romano do Ocidente e enriquecemos, porque temos um exército disciplinado, uma diplomacia astuta e o domínio das rotas comerciais Oriente-Ocidente: o ouro cruza os nossos portos.

Fui, também, à Basílica de Santa Sofia. Reparo que ela é linda por dentro e por fora e faz-me sentir que o poder imperial e a fé se unem naquele lugar, e não só. Justiniano reconstrói a cidade, ergue obras e manda organizar as leis num código. Esse código chama-se "Código Justiniano" e unificou e organizou as leis do Império. Teve a função de servir de base ao direito civil de muitos países europeus.

(Sofia Plácido, 6.º ano)

O MONAQUISMO NA EUROPA MEDIEVAL



SÃO BENTO, PATRONO DA EUROPA

São Bento nasceu em Núrsia, no ano de 480. Abandonou Roma e os estudos para se dedicar a Deus. Fez-se eremita em Subiaco. Em 529, fundou um mosteiro em Monte Cassino, devendo-se a ele a elaboração da regra do mosteiro, mas também o lema *Ora et Labora* – "reza e trabalha".

Morreu a 21 de março de 547. Foi canonizado em 1220, pelo Papa Honório III, tendo sido o fundador do monaquismo ocidental. Teve uma irmã – Escolástica –, que fundou o primeiro mosteiro feminino.

Desde 24 de outubro de 1964, São Bento passou a ser considerado o "patrono da Europa", pelo Papa Paulo VI, devido ao facto do monaquismo ter sido tão importante na Europa.

(Pedro Glória, 6.º ano)

A REGRA DE SÃO BENTO

Num mosteiro, tem de haver comida, água e vinho. O abade deve governar os seus discípulos. A ociosidade é inimiga da alma, por isso todos devem estar ocupados a trabalhar ou a rezar. Nenhum irmão pode deixar de estar a trabalhar a não ser que esteja doente. No fim de semana, aquele que tem o serviço da cozinha, deverá varrê-la, ao sábado. Também tem de lavar a roupa.

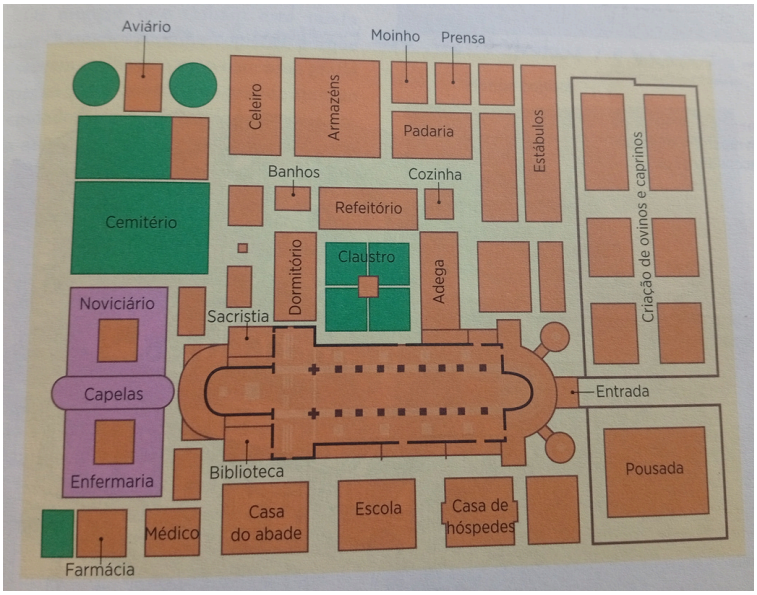
Se um irmão tiver alguma moeda, nota, etc., será distribuída pelos pobres ou será doada ao mosteiro.

Às refeições, haverá sempre leitura, devendo guardar-se silêncio absoluto.

(Salvador Batista, 6.º ano)

A Regra de São Bento é um documento escrito, que consistia num conjunto de obrigações e proibições dos monges. A regra indica que, aquele que aceita ser abade, deve governar os seus discípulos e recomendar-lhes o que é bom e são. Também indica que os irmãos devem passar algumas horas no trabalho manual e nas leituras das coisas sagradas. O trabalho manual era: trabalhar nos campos, na cozinha, nos lagares e no serviço aos outros irmãos. O trabalho intelectual era: o estudo, a cópia dos manuscritos e o estudo.

(António Montes, 6.º ano)



Planta simplificada do Mosteiro de Saint-Gallen

A IMPORTÂNCIA DOS MOSTEIROS

O monaquismo medieval seguia o lema *Ora et Labora*: rezar e trabalhar. O modelo mais famoso da forma como os monges beneditinos organizavam a sua vida é o **Mosteiro de Saint-Gallen**, na Suíça. No centro, ficava a igreja, onde se dedicavam ao culto e à oração. Junto à igreja, ficava a biblioteca e a escola, onde preservavam e difundiam a cultura. À volta, ficavam as dependências dos monges: o dormitório, o refeitório, a cozinha, a padaria, e outras áreas afins. Existiam, ainda, zonas de serviços para a comunidade: pousada, casa de hóspedes, enfermaria, farmácia. As instalações destinadas ao trabalho manual, como o moinho, a prensa, o aviário e os estábulos, completavam o lema "labora".

(Sofia Plácido, 6.º ano)



AH, POETAS!

Na disciplina de Português, os alunos têm estado a estudar obras definidas pelos Colégios APECEF como de leitura obrigatória. Um dos contos estudados pela turma do 5.º ano foi **"A Bela e o Monstro", de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont**, e a obra que continua a ser lida e interpretada pela turma do 6.º ano é ***A Odisseia*, de Homero**. Como forma de sintetizarem as passagens que consideraram mais relevantes, criaram estrofes líricas. Ei-las:

O pai perdeu-se na floresta
e ficou desesperado.
De longe viu uma luz gigante
e ficou encantado.

Quando se ia aproximando,
o verão estava a desaparecer.
Com tanto frio e tanta fome,
pensava que ia morrer.

Entrou, aqueceu-se, e foi logo comer.
Ao amanhecer, lembrou-se da Bela e uma rosa retirou,
E, de uma rosa, tudo podia acontecer.

(Pedro Montes, 5.º ano)

Comerciante tão brilhante,
com a rosa na mão.
Achou-se num momento
inteligente
até aparecer o monstrão.

O Monstro rugiu, zangado:
"Um de vós há de pagar!
A filha ao teu lado
o castigo há de pagar!"

(Joana Marques, 5.º ano)

O Monstro acolhedor,
o comerciante acolhido;
o Monstro assustador
e o comerciante encolhido.

As irmãs são muito invejosas,
muito, mas mesmo muito maldosas.
E a Bela que consegue aturá-las;
eu gostava de perceber como consegue amá-las.

Os outros gostam da Bela,
isso está bem comprovado,
porque quando se trata da sua bondade, não dá para ser comparado
(Tomás Monteiro, 5.º ano)

As irmãs da Bela tinham inveja,
por isso, moravam em Beja.
A Bela chorou de alegria,
porque o Monstro fazia magia.

"O pobre Monstro morrerá!
Eu não sou mesmo má.
Tenho uma enorme estima por si,
se quiser permanecer aqui".

(Mateus Moreno, 5.º ano)

Aquele grande e furioso monstrão,
que pregou um grande sustão
ao pobre comerciante,
que pediu perdão
e, chorando, formou um lagão.

O Monstro, com alegria,
a fada, com a sua magia.
Um monstro grandão,
que tinha um grande casarão.

(Luís Brandão, 5.º ano)

Coitada da Bela,
sempre com
as irmãs a fazerem
troça dela.

O Monstro era pior do que tudo.
Era mesmo tão horrível
e tão aterrorizante,
que deixou o comerciante mudo.

(Duarte Leal, 5.º ano)

Havia um ano que esta família vivia
na solidão,
até que o pai chegou com uma carta
na mão.

Aquele monstrão era tão feio
que a Bela caiu ao chão.

Quando a Bela se entrega, não tem
nem um tostão.

(António Mexia de Almeida, 5.º ano)

Aquele monstrão era fortão,
mas era muito chorão.
Aquele grandalhão,
com ar de durão.

A fadinha sem alegria,
mas com muita magia,
ajudou o comerciantezão
que se meteu numa confusão.

(Augusto Fernandes, 5.º ano)

O Monstro era bondoso, mas, no
início, era horroroso.
As irmãs eram bonitas, mas
invejosas e egoístas.
O pai chegou a casa com lágrimas
na cara.
A Bela era bonita, trabalhadora e
corajosa.

(Isadora Mocochenski, 5.º ano)

Olá, meninos! Eu sou Homero e vou-vos mostrar as minhas ideias sobre a obra *Odisseia*. Eu acho que poderia contar mais sobre o que é a "aurora de tronos dourados" e também mostrar o porquê de repetir palavras e expressões, como "assim falou" ou "assim dizendo". Vamos ver se percebem:, com base nestas composições:
(Margarida Sousa, 6.º ano)

Todos os dias, nascia a aurora de róseos dedos
e Ulisses nunca mais voltava.
O pai a pensar no filho
e o filho a pensar no pai

(Pedro Glória, 6.º ano)

Mas Atena não deixou isso acontecer:
disse a Calipso para o deixar.
Saiu de lá, mas já não estava a chorar,
porque ia para a sua terra Pátria.

À procura do fogoso e astucioso Ulisses vai
Telémaco às ilhas.
Vai a Pilos e a Esparta,
fazendo quase cem milhas.

Ulisses foi lutar,
mas nunca voltou do mar.
Na aurora de róseos dedos,
Telémaco sai.

No mar ele vai navegar
para o pai encontrar.
Assim falou, com força e esperança
para enfrentar a grande mudança.

(M.ª Catarina Ramos e Sofia Plácido, 6.º ano)

Pelas marés vagueia Ulisses em busca do seu lar.
Enfrenta deuses e monstros, sem jamais fraquejar.
Na Odisseia ecoa o eterno sonhar
de quem luta e espera para, enfim, retornar.

Ulisses, bravo rei, de engenho sem igual
vence mares e deuses com força imortal.
Na luta e na astúcia se ergue o herói fiel
que desafia o destino e conquista o céu.

(Rafael Barros, 6.º ano)

Telémaco sem seu pai,
Penélope aturando os pretendentes mauzões,
Telémaco sai em busca de seu pai,
pelas terras de Pilos e Esparta.

Ulisses de mil ardis
com a deusa solitária,
a pensar em seu filho,
tristonho e mal encarado.

Ulisses desembarca em Esquéria
e encontrou o rei de lá,
chamado Alcínoo, o perfeitinho,
que lhe preparou um banquete grandinho.
(Graça Marujo, 6.º ano)

Na ilha de Ogígia,
estava Ulisses de mil ardis.
Com a deusa Calipso,
estava muito infeliz.

Até chegar Posídon e o surpreender,
com o seu poder,
fez Ulisses sofrer.

Ulisses com a sua jangada
partiu para o mar.
Com comida e bebida,
mal não iria estar.

(António Montes, 6.º ano)

Atena de olhos garços Telémaco vai ajudar
o pai encontrar,
para a casa regressar.

Zeus que troveja na altura
e Ulisses com a sua bravura
irá navegar
e para a família voltar.

Penélope a aturar os pretendentes que com ela querem casar.
Será que os deuses a vão ajudar?

(Pilar Leal, 6.º ano)

Ulisses foi lutar
para o seu povo ajudar.
Nunca pôde voltar,
porque Calipso não o quis largar.

Nasceu a aurora de róseos dedos
e Telémaco foi navegar
para Pilos e Esparta,
coisas sobre o pai foi procurar.

E os maus pretendentes
sempre a criticar,
para Telémaco desanimar,
mas não o fizeram desanimar.

(Rita Janeiro, 6.º ano)

Quando a aurora de róseos dedos
estava a nascer,
mais um dia estava Ulisses a sofrer.

Ulisses triste,
mais uma vez.
Queria ver Telémaco e Penélope,
Ele estava infeliz.

(Salvador Batista, 6.º ano)

Ulisses saiu de Ítaca,
foi para a Guerra de Troia.
Abandonou a sua família
e começou uma história.

Depois de muito lutar,
finalmente venceu a guerra.
E depois de muito navegar,
finalmente chegou à sua terra.

Depois de muito chorar,
encontrou a felicidade.
Chegou à ilha de Esquéria
e recebeu hospitalidade.
(M.ª do Rosário Baião, 6.º ano)

A filha de Alcínoo,
chamada Nausícaa,
apaixonou-se por Ulisses
e Ulisses nem sabia.

Ulisses muito sofreu
enquanto esteve fora.
Ele não queria lá estar,
mas ainda chegou a horas.

Mas chegou a horas de quê?
Chegou para parar os pretendentes
que queriam matar Telémaco
sem mais, nem menos.

Aurora de belas trança
que recebeu uma herança.
Penélope a chorar
e os pretendentes a vingar.

Os pretendentes
que estão permanentes
para matar Telémaco.

Zeus que troveja nas alturas
e faz travessuras.

(Diana Santos e Petra Matos, 6.º ano)

Ulisses de mil ardis venceu a Guerra de Troia, graças às suas artimanhas.
Os seus companheiros morreram no mar, mas Ulisses, por causa de Atena, sua deusa protetora e muito cuidadora, ajudou Telémaco na sua missão, que é contada na *Odisseia*, que até é uma epopeia.
(Francisco Galrito, 6.º ano)



O significado das coisas

Lição número 2: A Matemática é uma ciência? (continuação)

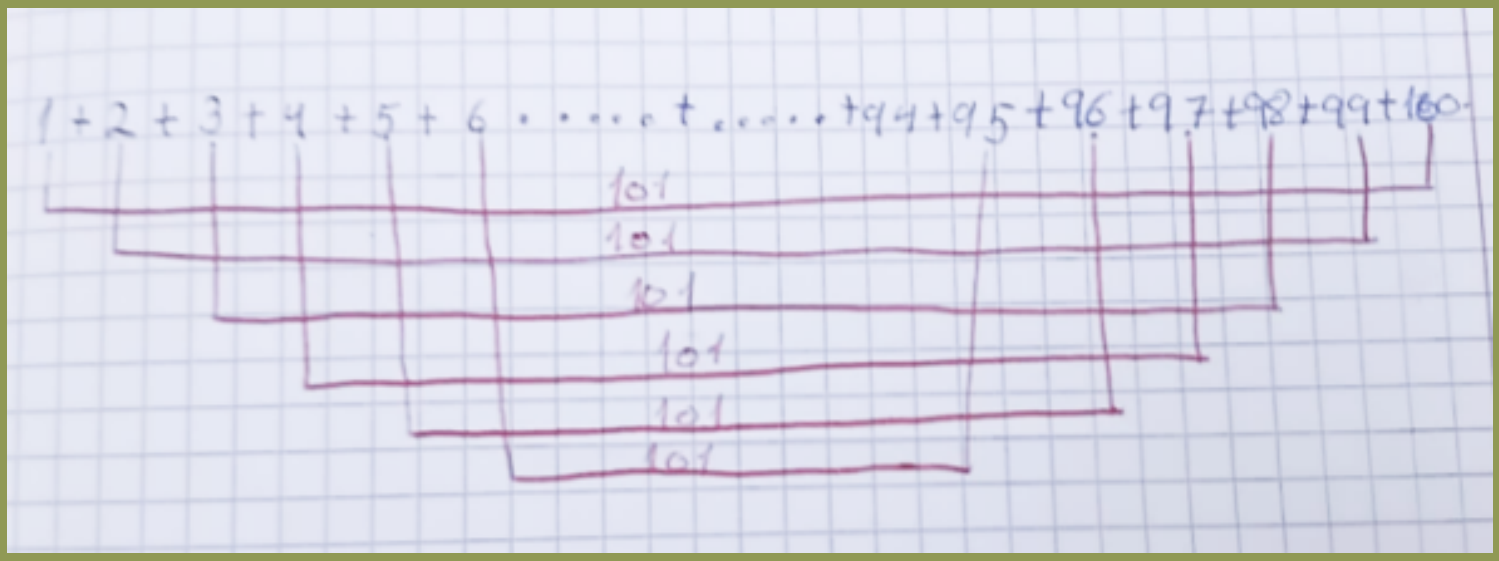
O pequeno aluno de outros tempos, cheio de energia, era nada mais nada menos que o pequeno Gauss! Que veio a ser o grande matemático Johann Carl Friedrich Gauss!

A história que ficou famosa conta-nos que o seu Professor Butner, pediu ao pequeno Gauss de 7 anos, que somasse os números inteiros de um até 100 na esperança que este ficasse ocupado durante uns largos minutos. Eis que o pequeno Gauss responde no minuto seguinte o valor da respetiva soma escrevendo o valor na sua ardósia: 5050!

Por: Catarina Ramos e Diana Santos

Questão Como é que conseguiu resolver o desafio tão rápido?
Como é que pensou?

1+2+3+4+5+6+.....+94+95+96+97+98+99+100=?



Associando a primeira parcela com a última; a segunda com a penúltima; a terceira com a antepenúltima e assim sucessivamente, obteve parcelas iguais a 101!

Isto é: 1+100=101
2+99=101
3+98=101
....
... e assim sucessivamente!

Ao todo, obteve 50 parcelas cada uma de 101.

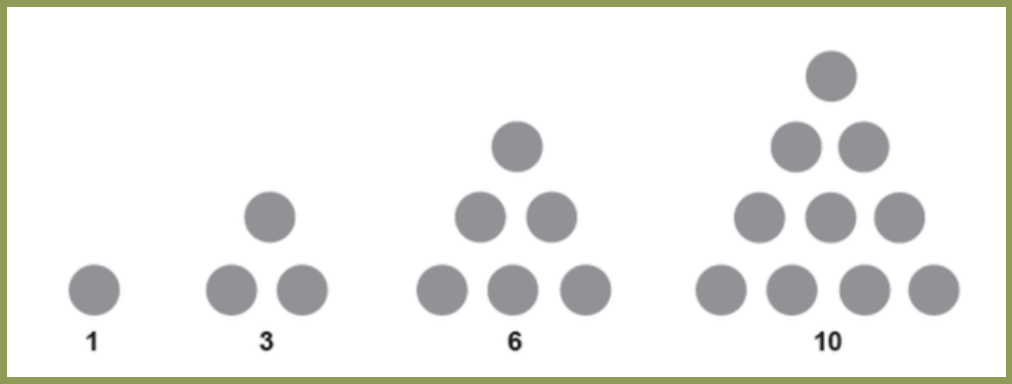
Logo, o valor da soma será 50X101!

Um cálculo muito mais simples de efetuar.

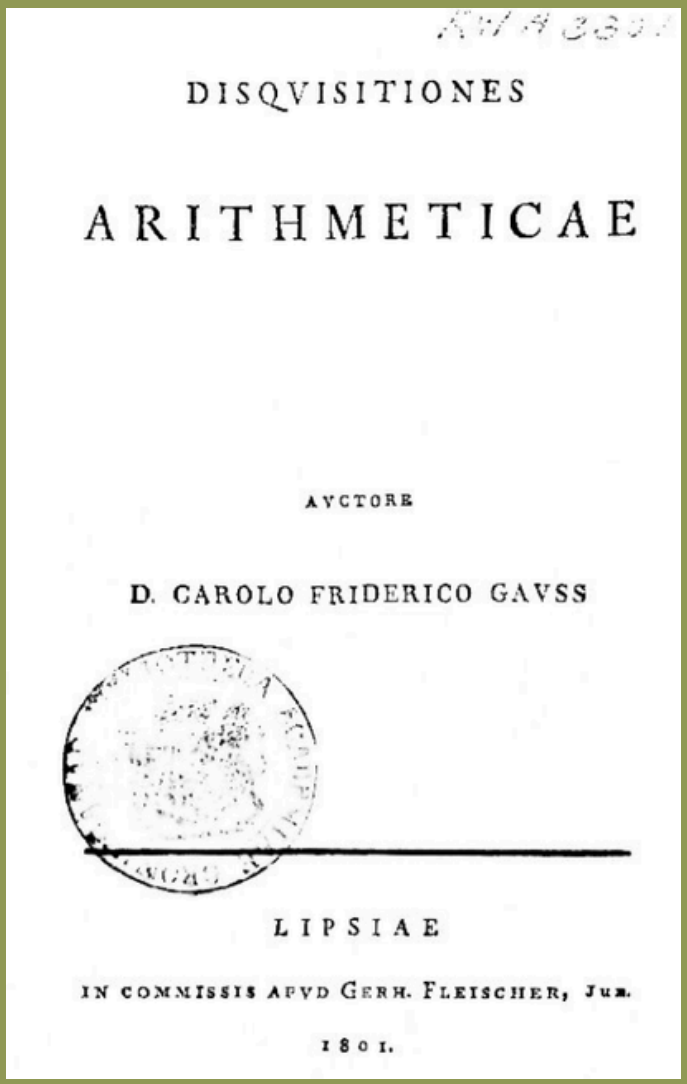
Daí a resposta rápida e certeira: 5050!

Friedrich Gauss, ainda criança, identificou um padrão que permitiu responder com simplicidade e rapidez a uma pergunta que parecia complicada.
De facto um argumento a favor da Matemática como a ciência dos Padrões!

Esta soma, dos números naturais até 100, corresponde também ao número de bolas da centésima figura do padrão que já conhecemos!



1	**1+2**	**1+2+3**	**1+2+3+4**	**...**
Fig. 1	**Fig. 2**	**Fig. 3**	**Fig. 4**	



DISQVISITIONES

ARITHMETICAE

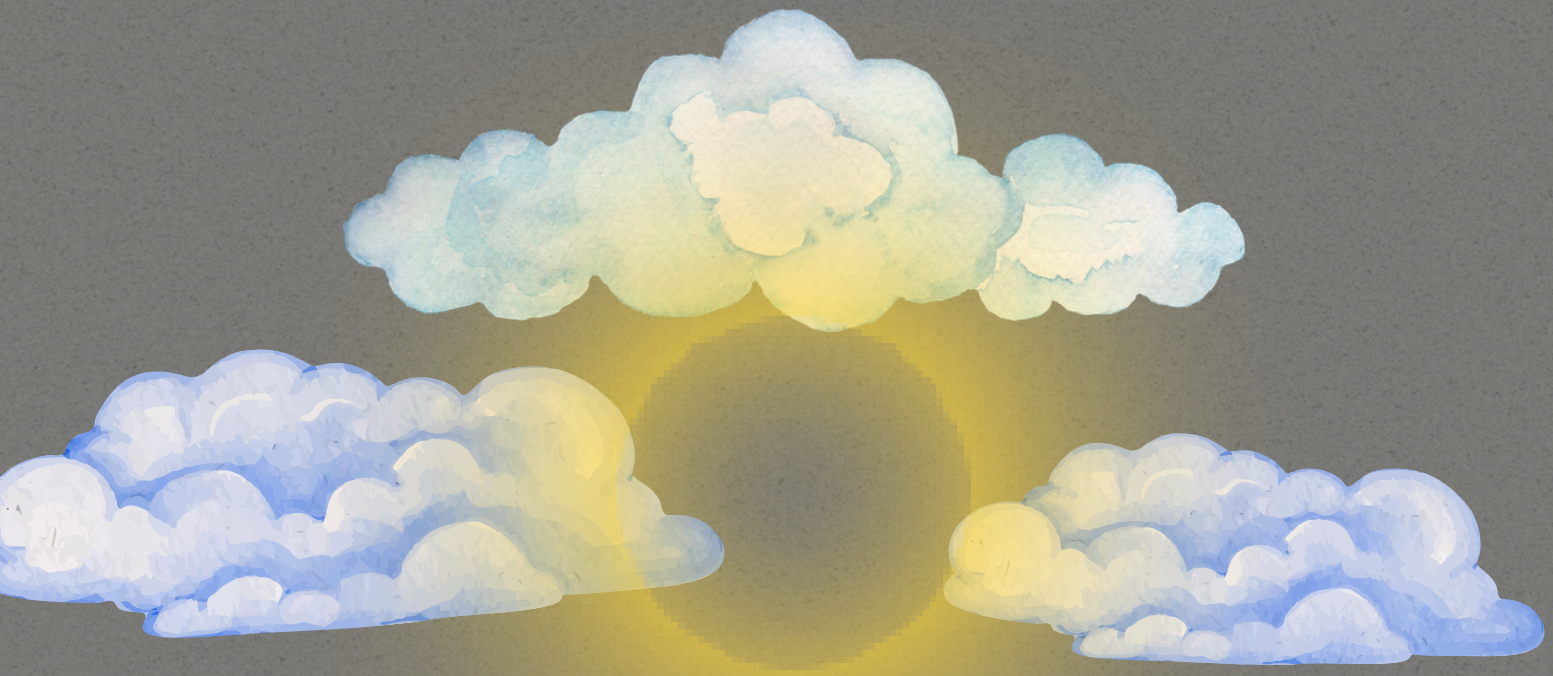
AVCTORE

D. CAROLO FRIDERICO GAVSS

LIPSIAE

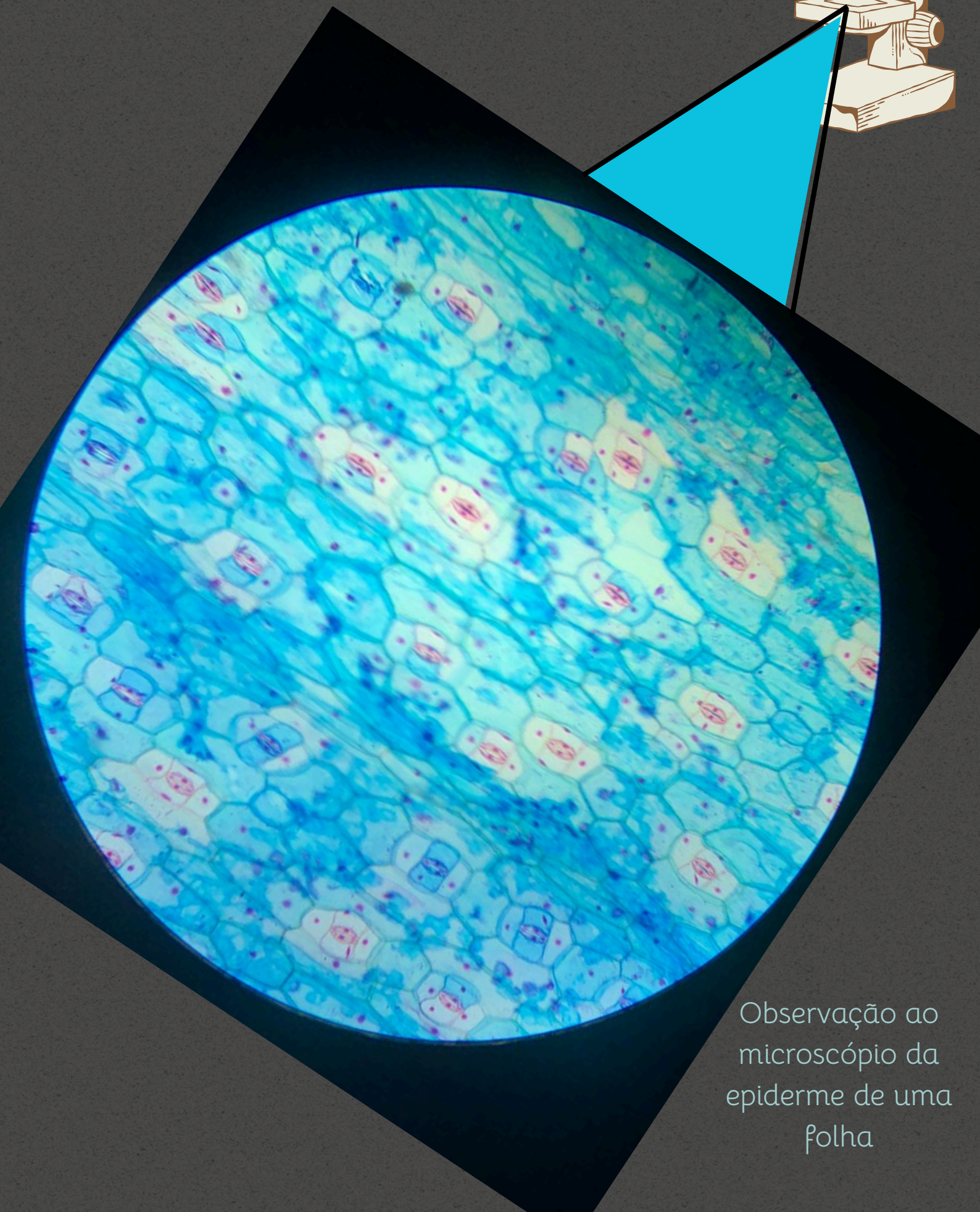
IN COMMISSIS APVD GERH. FLEISCHER, Jun.

1801.

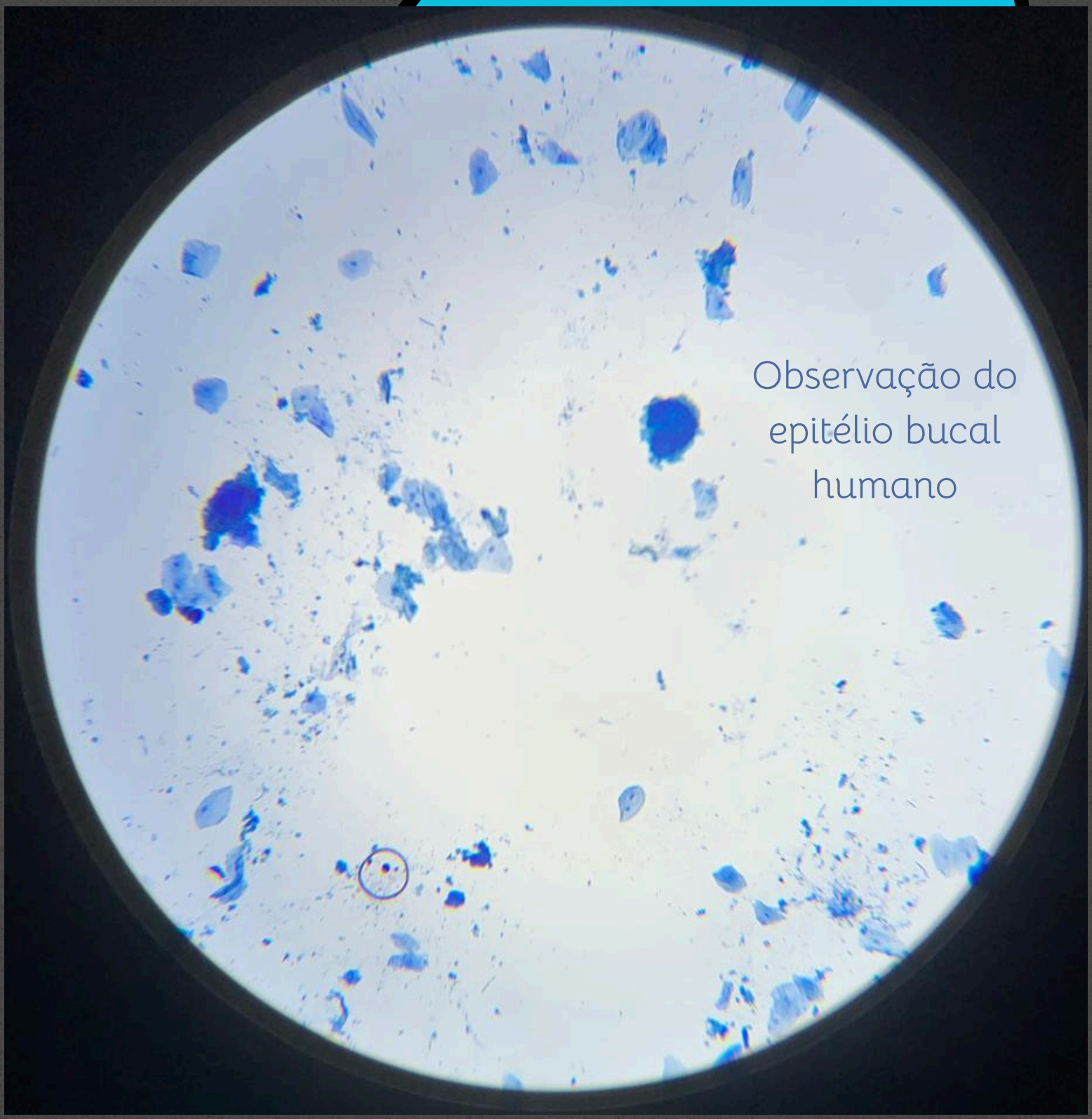


Do Espanto ao Conhecimento!



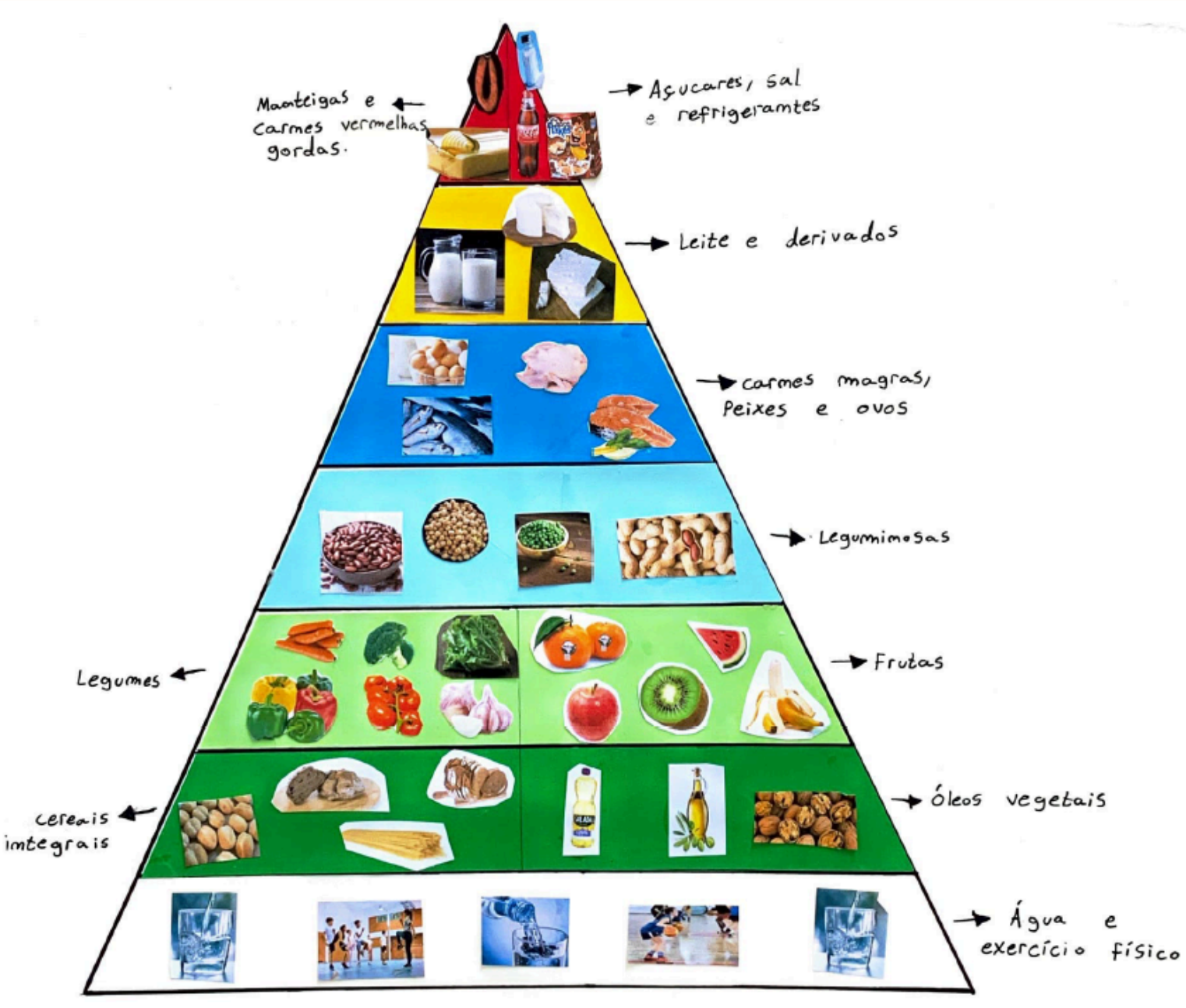


Observação ao microscópio da epiderme de uma folha



Observação do epitélio bucal humano

Dia Mundial da Alimentação Saudável



Diana Santos, 6º ano


4º ANO
16
Outubro
Dia Mundial da
Alimentação
2025


Projeto elaborado pelos
alunos do 4º ano



DIÁRIO GRÁFICO

EDUCAÇÃO VISUAL

Aproveitando a visita ao Museu Botânico do IPBeja e a observação de imagens de várias espécies de seres vivos que destacam a biodiversidade que caracteriza a vida na Terra.





BORBOLETA
(MARIA PIRES, 2.º ANO)



BORBOLETA
(JOSÉ CAEIRO, 2.º ANO)



BORBOLETA
(TERESA JÓNATAS, 2.º ANO)



RITA JANEIRO, 6.º ANO



PETRA MATOS, 6.º ANO



SALVADOR MENDONÇA BATISTA, 6.º ANO

A fechar



Agradecimentos

O Colégio de S. José - Beja e a redação de *À Sombra de S. José* gostaria de agradecer à Ana Cordeiro e ao João Costa, responsáveis pelo Grupo Bricomarché, em Beja e em Castro Verde, bem como à Família Chaves, da Herdade do Peixoto, não só pela disponibilidade e pelo contributo para esta edição, mas também - e acima de tudo - pela possibilidade de nos ajudarem a fazer o nosso percurso da melhor forma, capazes de atender às várias necessidades dos nossos alunos e da nossa instituição. Não queremos deixar de agradecer, de igual modo, a todos os nossos outros benfeitores, que, com a mesma prontidão e resiliência, contribuem para o nosso crescimento.
A todos, o nosso obrigado!

Colégio de S. José – Beja

Seminário de Beja
Rua D. Afonso Henriques,
1 A
7800-049 Beja

Telef. +351 912 637 440

Email. secretaria@csjbeja.com

Website: https://csjbeja.com/

Redes sociais:
Instagram
Facebook

COLÉGIO DE S. JOSÉ
BEJA